

## Educação em tempos de Pandemia (Covid-19): uma análise microssocial

Fábio Júnio Barbosa Santos <sup>(1)</sup>,  
Gisélia Neres dos Santos Ferreira <sup>(2)</sup>,  
Maria Natânia Xavier de Oliveira <sup>(3)</sup>,  
Tainá Alves Oliveira <sup>(4)</sup>,  
Taís Fernandes Paulo <sup>(5)</sup> e  
Vitória Carolina Gomes Cardoso <sup>(6)</sup>

Data de submissão: 16/6/2021. Data de aprovação: 7/10/2021.

**Resumo** – Este artigo tem por objetivo apresentar os reflexos da pandemia de Covid-19 na educação a partir de uma análise microssocial embasada nas perspectivas familiares de pais e/ou responsáveis de crianças matriculadas em uma escola pública de ensino fundamental da rede estadual, localizada na cidade de Salinas-MG. A metodologia parte de uma proposta qualiquantitativa desenvolvida através de um *survey*. Os resultados evidenciam alto nível de sobrecarga à figura materna, índices consideráveis de insegurança referentes ao sentimento atribuído de aptidão para auxílio e acompanhamento das crianças e insatisfação pelo desenvolvimento infantil apresentado durante a pandemia, além de demonstrativos positivos de satisfação familiar quanto ao trabalho e preparo docente e desempenho da escola na condução das aulas remotas e auxílio à comunidade escolar. Também são percebidas tendências temerárias como a frequência a espaços públicos e a casas de familiares, vizinhos ou amigos como única alternativa de acesso à internet e o alto nível de reprovação à postura do governo ante ao combate da Covid-19 e à viabilização das aulas remotas.

**Palavras-chave:** Coronavírus. Ensino remoto. Família. Pandemia.

## Education in Pandemic Times (Covid-19): A microsocial analysis

**Abstract** – This paper aims to present the effects of the Covid-19 pandemic in education from a microsocial analysis based on the family perspectives of parents and/or guardians of children enrolled in a primary public schools of the state network, located in the city of Salinas-MG. The methodology is based on a quantitative-qualitative proposal developed through a survey. The results evidence a high level of overload to the mother figure, considerable indexes of insecurity regarding the attributed feeling of aptitude for help and accompaniment of the children and dissatisfaction for the infant development presented during the pandemic, besides positive demonstrations of familiar satisfaction as for the work and teaching preparation and

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Salinas, do Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Bolsista do CNPq. [\\*fabiojobsantos@outlook.com.br](mailto:*fabiojobsantos@outlook.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5625-9383>.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Salinas, do Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Bolsista do CNPq. [\\*giselianeress@gmail.com](mailto:*giselianeress@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2633-9745>.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Salinas, do Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Bolsista do CNPq. [\\*naty2013salinas@gmail.com](mailto:*naty2013salinas@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0092-1665>.

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Salinas, do Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Bolsista do CNPq. [\\*taina.eng.florestal@gmail.com](mailto:*taina.eng.florestal@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3032-6779>.

<sup>5</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Salinas, do Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Bolsista do CNPq. [\\*taisfernandespaulo@yahoo.com.br](mailto:*taisfernandespaulo@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7041-9112>.

<sup>6</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Salinas, do Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais – IFNMG. Bolsista do CNPq. [\\*Vicargomes199@gmail.com](mailto:*Vicargomes199@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0570-626X>.

performance of the school in the conduction of the remote lessons and aid to the school community. Reckless tendencies are also observed, such as frequenting public spaces and the homes of relatives, neighbours or friends as the only alternative to access the Internet and a high level of disapproval of the government's attitude towards combating Covid-19 and making remote classes possible.

**Keywords:** Coronavirus. Remote teaching. Family. Pandemic.

## Introdução

A corrente pandemia a qual atravessamos em decorrência do novo coronavírus (Covid-19) tem provocado significativas alterações nos sistemas de ensino ao redor do mundo, embora países como Inglaterra, Estados Unidos e Israel tenham incidido em erros, aos poucos avançam no combate ao vírus e aumentam o número de vacinados, o que os possibilita vislumbrar, de forma gradual, a volta às aulas em regime presencial.

Em contrapartida, países emergentes como Brasil e Índia ainda convivem com um número alarmante de mortes diárias à medida que lidam cotidianamente com os efeitos da desinformação estimulada pelo número de *fake news* sobre a Covid-19 ainda em circulação. Diante deste cenário de instabilidade e insegurança social, a maior parte das escolas públicas e privadas do Brasil ainda permanecem fechadas e limitam-se a aulas remotas para enfrentamento da doença e preservação do ensino.

Segundo estudo intitulado “Diagnóstico Nacional da Educação”, realizado com mais de 11 mil famílias e 4 mil professores de cerca de 300 escolas particulares brasileiras, conduzido pela instituição independente Escolas Exponenciais (2020), 82,4% dos pais aprovam o ensino remoto feito durante a pandemia.

Por outro lado, uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) voltada para as atividades remotas na educação durante a pandemia, também aplicada em 2020, com uma amostra de 5.580 participantes, entre estudantes, professores, pais e/ou responsáveis e dirigentes de instituições de ensino em instituições públicas e privadas do país, atesta que 51,53% dos pais e/ou responsáveis afirmam piora na qualidade quando comparadas as aulas remotas com as presenciais.

Diante do exposto e conscientes da importância de estudos como esses, surgem questionamentos como: seriam pesquisas macrossociais de médio e grande alcance suficientes para mensurar, mesmo que estatisticamente, as experiências tidas pelos pais e/ou responsáveis durante a pandemia? A captação e análise de dados de estudantes, professores, pais e/ou responsáveis e dirigentes de ensino, sobretudo interligados a distintas instituições públicas e privadas, são suficientes para calcular o nível de aproveitamento e satisfação pelo ensino remoto? É evidente que estudos produzidos em escala maior agregam significativamente para que possamos compreender a percepção média de determinados grupos sociais sobre o aspecto estudado, no entanto, consideramos primordiais e indispensáveis análises mais específicas e centradas em contextos menores a fim de identificar nuances e peculiaridades talvez não vistas de cima.

Neste sentido, a pesquisa Educação em tempos de Pandemia (Covid-19): Uma análise microssocial, realizada por acadêmicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, *Campus – Salinas*, e bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), em parceria com a Escola Estadual Professor Elídio Duque, aplicada no período de 14 a 16 de abril de 2021, busca dar vazão às perspectivas e experiências dos pais e/ou responsáveis adquiridas durante o corrente período de pandemia e aplicação do ensino remoto.

O presente trabalho propõe-se a apresentar os dados obtidos a partir da pesquisa à medida que os correlaciona a estudos semelhantes e problematiza os resultados obtidos em diferentes escalas e contextos, de modo a proporcionar maiores reflexões sobre os dilemas educacionais

enfrentados pelas famílias durante a pandemia. Dessa forma, parte de uma introdução ao tema, seguida pela metodologia adotada, o desenvolvimento, que se subdivide em quatro seções intituladas: Os perfis das famílias; Registro e identificação das experiências; O acesso e compartilhamento de recursos; e Satisfação e perspectiva; por fim, encerra-se com as considerações finais.

## Materiais e métodos

A pesquisa a qual dá origem ao presente trabalho foi desenvolvida através de um *survey*, pautando-se em uma proposta quali-quantitativa. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário autoaplicado *on-line*, disponibilizado na plataforma Google Forms, entre os dias 14 e 16 de abril de 2021. Composto por 15 perguntas, divididas em 4 blocos, o questionário objetivava as seguintes propostas: traçar o perfil do público respondente; captar as experiências; identificar os recursos disponíveis; e dar vazão à opinião do público questionado.

Foram obtidas 1.156 respostas, advindas exclusivamente do total de 80 pais e/ou responsáveis participantes, aos quais estão vinculadas mais de 134 crianças; dessas, 68, ou aproximadamente 51%, matriculadas na mesma instituição, a Escola Estadual Professor Elídio Duque, a qual utilizamos como foco de aplicação, além de outras 66, que equivalem a cerca de 49%, sob responsabilidade dos mesmos participantes, no entanto, matriculadas em outras escolas.

Localizada em um bairro adjacente à região central de Salinas-MG, em meio a uma das principais avenidas da localidade, a Escola Estadual Professor Elídio Duque atende cerca de 830 alunos, distribuídos entre a primeira e a segunda etapas do ensino fundamental e advindos das regiões urbana e rural pertencentes ao município.

Tendo como foco a primeira etapa do ensino fundamental, o presente estudo baseia-se em pesquisa direcionada a 6 turmas com média de 22 alunos cada e com idades entre 6 e 10 anos. Vale ressaltar que, segundo relatos das professoras dirigentes, o número de alunos participantes das aulas sofreu redução durante o período pandêmico, logo, podemos deduzir que o número de pais e/ou responsáveis dispostos a participar da pesquisa tenha sofrido o mesmo efeito.

A aplicação da pesquisa contou com autorização prévia da direção da escola e colaboração dos professores, embora não sejam aqui identificados. Todos os pais e/ou responsáveis participantes confirmaram desejo em participar da pesquisa antes mesmo de responder ao questionário eletrônico.

## Os perfis das famílias

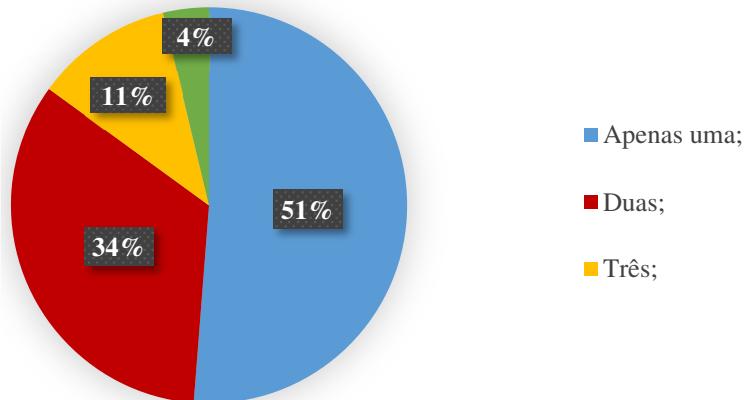
Segundo Paulo Freire, “procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem” (FREIRE, 1997, p. 53). Essa difícil tarefa descrita por Freire naturalmente mostra-se desafiadora diante das inúmeras demandas e adversidades que enfrentam os professores, no entanto, tudo tende a se intensificar quando nos deparamos com o dilema da pandemia, sem o contato físico e direto com as crianças; a relação professor e aluno passa então a ser intermediada pelos pais e/ou responsáveis.

Sendo assim, conhecer o perfil dos pais e/ou responsáveis e identificar seus anseios e opiniões mostra-se uma demanda urgente, já que o não conhecimento destes implica diretamente o acesso e a compreensão das demandas formativas de cada uma das crianças. Desta forma, o primeiro bloco de questões focado na identificação dos perfis respondentes, trouxe os seguintes questionamentos: quantas crianças em idade escolar são de sua responsabilidade? Qual o seu grau de parentesco com ela(s)? Você se considera apto(a) a prestar o auxílio pedagógico necessário em casa para as crianças que tem auxiliado?

A partir das respostas atribuídas à primeira questão foi possível perceber que a maior parte dos participantes eram responsáveis pela educação e ensino de uma única criança, o

equivalente a 41 pessoas ou 51% dos respondentes; outros 27, que equivalem a 34%, mostraram-se responsáveis por 2; 9 participantes, que correspondem a 11% do total, são responsáveis por 3; e outros 3 respondentes, o equivalente a 4%, afirmaram ser responsáveis por 4 ou mais crianças, conforme ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Quantas crianças em idade escolar são de sua responsabilidade?

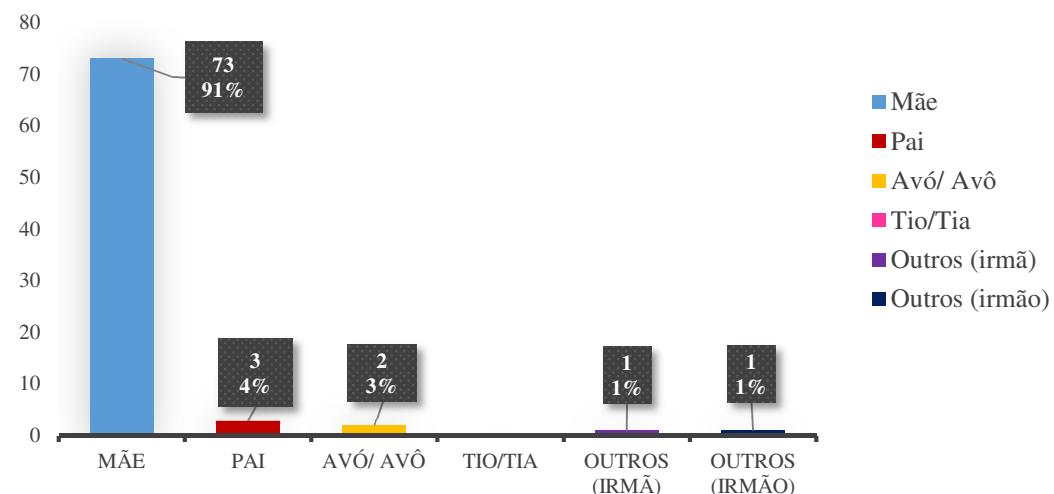


Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Embora a maior parte dos pais e/ou responsáveis mostrem-se envolvidos no ensino, educação e acompanhamento de uma única criança, é importante considerarmos em que condições esse acompanhamento parental tem se dado e a maneira como 48% dos respondentes que se colocam como responsáveis por duas ou mais crianças tendem a enfrentar maiores dificuldades quando consideramos fatores como a disponibilidade de tempo, capacitação mínima necessária e os recursos requeridos.

Ao perguntar o grau de parentesco existente entre os respondentes e as crianças, foi possível perceber uma enorme disparidade nas respostas obtidas: enquanto as mães correspondem a 91% dos responsáveis pelo ensino e acompanhamento infantil, os pais equivalem a 4%, os avós a 3% e, somados juntos, irmãos e irmãs equivalem a 2%, não havendo registro da participação dos tios no acompanhamento dos alunos, conforme pode ser visto no gráfico.

Gráfico 2 - Qual o seu grau de parentesco com a(s) criança(s)?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

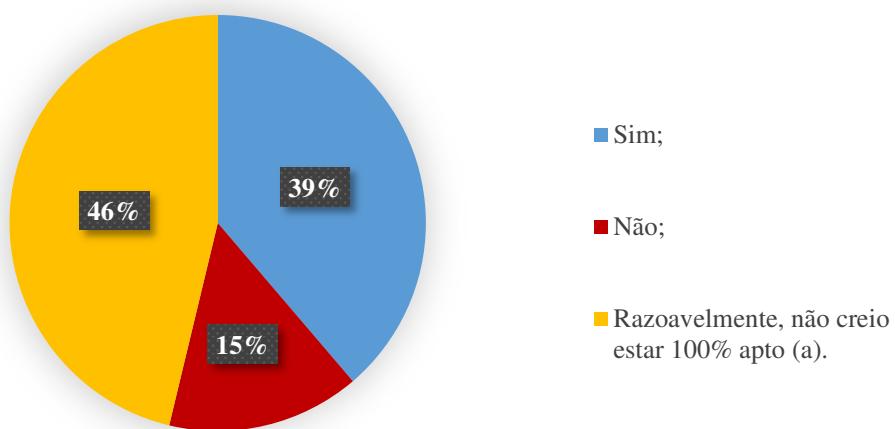
Apesar de expressivo, o resultado mostra-se semelhante quando o comparamos aos indicadores internacionais do último ano; isso porque, segundo pesquisa realizada pela **ParentsTogether em 2020**, com 1.500 pais dos Estados Unidos, 78% das mães que vivem com os pais do sexo masculino afirmam que gerenciam a maior parte do aprendizado *on-line* de seus filhos.

Essa diferença significativa mostra-se preocupante quando consideramos a realidade dos lares brasileiros chefiados por mulheres que, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2017) passou de 23% em 1995 para 40% em 2015, levando-se em consideração que as famílias chefiadas por mulheres não são exclusivamente aquelas nas quais não há a presença masculina, já que em 34% delas havia a presença de um cônjuge.

Somando-se a isso fatores como a dupla jornada de trabalho, a ausência e/ou inconstância paterna, o desemprego, a desvalorização feminina no mercado de trabalho e o medo pelo contágio e transmissão do vírus (Covid-19), o que podemos perceber é a intensificação da sobrecarga familiar direcionada à mulher, conforme evidenciam alguns dos comentários deixados na última questão da pesquisa aberta para registros, a exemplo: “Ruim tá [sic] difícil demais muitos de nós estamos sem emprego e com a cabeça quente pra [sic] ensinar nossos filhos” (Relato 1) e “A responsabilidade fica toda sobre a mãe, preciso trabalhar e estou cansada” (Relato 2).

Quando questionados sobre a crença de aptidão necessária para auxiliar as crianças que têm sob suas responsabilidades, os pais e/ou responsáveis mostraram-se, em maioria, razoavelmente seguros, com percentual de 46%, seguidos de 39% que se consideravam plenamente aptos, e 15% que não se consideram aptos, conforme registra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Você se considera apto(a) a prestar o auxílio pedagógico necessário em casa para a(s) criança(s) que tem auxiliado?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Alguns relatos deixados na última questão aberta para considerações intensificam o nível de insegurança registrado, a exemplo: “Estressante e cansativo uma vez que minha criança ainda não sabe ler e me deparo numa péssima condição de auxiliar sem saber o melhor método para ensina-lo [sic]. Tornando às aulas desinteressantes para ele e estressante para mim [sic]” (Relato 3); e “Olha eu não tenho técnica em ensinar e as matérias estão difícil [sic] para a criança, ele não sabe ler agora q [sic] está começando a aprender silabas e o conteúdo do pet não favorece a escola deveria favorece [sic] com os livros para a criança, assim os responsáveis teria em mãos algo q [sic] iam [sic] ajudar a ensinar” (Relato 4).

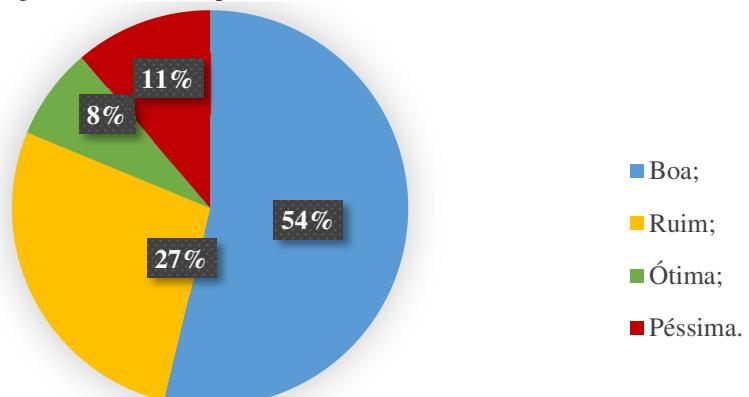
Dados disponibilizados pelo portal IBGEduca podem nos auxiliar a compreender a origem de toda essa insegurança, segundo informações extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continuada 2012-2019: em 2019, 6,4% da população acima de 25 anos no Brasil era considerada sem instrução, e 32,2% possuía apenas o ensino fundamental incompleto. Embora a plena aptidão para ensinar alunos do ensino fundamental exija formação

superior em Pedagogia, temos que considerar os baixos índices de conclusão do ensino fundamental como agravantes da insegurança, já que a baixa confiabilidade na própria formação pode ter impacto direto no auxílio prestado por pais e/ou responsáveis as crianças.

### Registro e identificação das experiências

O segundo bloco de questões voltado para o registro e identificação das experiências propunha de início a seguinte pergunta: como você avalia as experiências que tem tido com a(s) criança(s) de sua responsabilidade durante o regime de aulas não presenciais? De acordo as respostas atribuídas, 54% dos respondentes avaliam a experiência como positiva ou simplesmente boa, 8% como ótima, 27% ruim, e 11% como péssima, conforme registra o gráfico a seguir.

Gráfico 4 - Como você avalia as experiências que tem tido com a(s) criança(s) de sua responsabilidade durante o regime de aulas não presenciais?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Percebe-se que a maior parte dos pais e/ou responsáveis encontram-se satisfeitos com as experiências, o que é positivo e necessário, pois uma relação saudável entre os membros familiares tende a influenciar tanto o desempenho na aprendizagem, como a saúde emocional das crianças. Conscientes da importância da família enquanto primeira instituição social é necessário que escola e demais instituições busquem a aproximação e manutenção dos laços em prol da construção de uma sociedade mais equilibrada. Conforme ressalta Prado,

A família como toda instituição social, apesar dos conflitos, é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal. É nela que a criança adquire suas primeiras experiências educativas, sociais e históricas, que a criança aprende a se adaptar às diferentes circunstâncias, a flexibilizar e a negociar, independente das normas educacionais que são impostas aos familiares, através da escola, da ideologia vigente de cada sociedade etc. (PRADO, 1981, p. 9)

Com as novas demandas produzidas pela pandemia, essa postura primária da família tende a ser refirmada, pois o novo processo de ensino-aprendizagem ao qual temos chamado de *homeschooling* forçado não só exige que as famílias desempenhem sua função histórica de controle sobre os padrões, modelos e influências às quais as crianças têm acesso, como também necessitem aprender como realizar processos de ensino antes somente realizados pela escola.

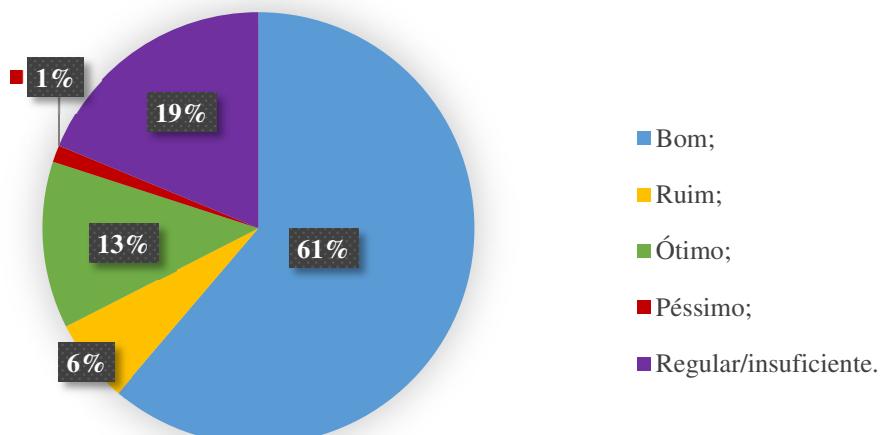
Apesar de o número de pais e/ou responsáveis satisfeitos com as experiências obtidas durante a pandemia e exercício do ensino domiciliar mostrar-se maior que os demais, não podemos desconsiderar o total de 38% dos respondentes que consideraram as experiências tidas durante esse período como sendo ruins ou péssimas. Diante disso, surge o questionamento: quais fatores levaram à consolidação de um número tão expressivo de frustrações? Poderíamos levantar diversas hipóteses, no entanto, mais uma vez alguns comentários deixados ao final da pesquisa parecem justificar, a exemplo: “Tem atividades que não tem como fazer porque ele não tem outras crianças perto aí fica complicado né” (Relato 5); e “Tive que me tornar

professora dos meus filhos, é muito desgastante” (Relato 6); e ainda “Devido a este cenário, as aulas remotas foram as piores aulas de todos os tempos” (Relato 7).

Ainda que em sua totalidade todos os comentários referentes à pergunta mostrem-se negativos e desanimadores, abrem hipótese para uma possível reconsideração dos valores atribuídos à escola e ao trabalho docente, já que comumente os pais e/ou responsáveis relataram o quanto tem sido difícil suprir a ausência da escola e dos professores no papel formativo das crianças.

Ao avaliar o desempenho da escola na condução das aulas remotas e auxílio à comunidade escolar durante o período de pandemia, 61% dos pais e/ou responsáveis consideraram bom, 13% ótimo, 19% regular/insuficiente, 6% ruim, e 1% péssimo, conforme registrado no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Como você avalia o desempenho da escola na condução das aulas remotas e auxílio à comunidade escolar durante a pandemia?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Posto que 59 dos 80 respondentes mostraram-se satisfeitos com a maneira como a escola conduziu o ensino remoto e auxiliou a comunidade escolar até o momento de aplicação da pesquisa, ainda precisamos considerar os outros 21, os quais equivalem a 25% dos participantes, e que consideraram o trabalho desenvolvido pela instituição como sendo regular/insuficiente, ruim ou péssimo, dado o contexto inédito da pandemia o qual as escolas têm enfrentado sem que houvesse quaisquer tipos de protocolo ou preparo previamente estabelecidos; dessa forma, é naturalmente esperado que quaisquer que fossem as escolas avaliadas obteriam certo nível de reprovação.

Ainda que dentro de uma margem minoritária, os comentários atribuídos à escola durante a realização da pesquisa podem auxiliar mais precisamente na identificação e tratativa dos problemas que levaram a esse resultado, a exemplo: “Não tem material o suficiente p [sic] os alunos aprender [sic] pois falta recursos [sic] que a escola não disponibiliza p [sic] a aprendizagem do aluno [sic]” (Relato 8); e “No ano passado foi mas [sic] fácil os ensinos pois [sic] tínhamos acesso aos pets impressos disponibilizados pela escola esse ano tá [sic] mais complicado pois [sic] nem sempre temos acesso a [sic] internet mais estamos levando aos poucos e realizando as atividades” (Relato 9).

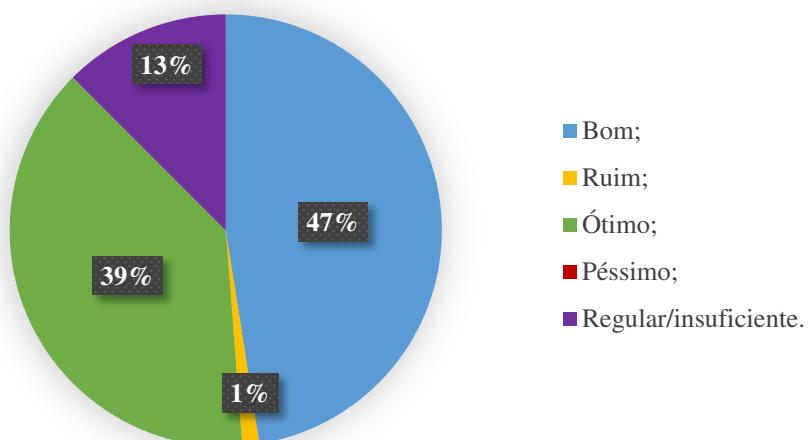
É possível que, na busca por responsáveis, muitos dos respondentes que enfrentavam problemas específicos, como a falta de livros ou acesso à internet, tivessem dificuldade para identificar e atribuir avaliações precisas no que tange aos trabalhos desenvolvidos pela escola, pelos professores e/ou pelas esferas do governo.

Nesse sentido, com o intuito de identificar mais precisamente as percepções dos pais e/ou responsáveis acerca do preparo e trabalho demonstrado pelos professores, foram realizadas as

seguintes perguntas: como avalia o trabalho dos professores durante a pandemia? Acredita que os professores demonstram o preparo necessário para enfrentar os desafios da educação a distância ocasionados pela pandemia?

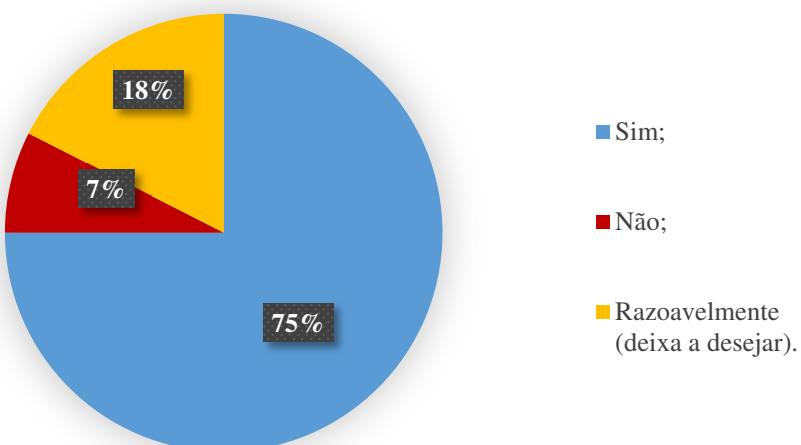
De acordo as avaliações atribuídas, 47% dos pais e/ou responsáveis consideraram o trabalho docente bom, 39% ótimo, 13% regular ou insuficiente, e 1% ruim; já quando questionados se enxergavam o preparo dos professores na condução das aulas, 75% afirmaram que sim, 18% que razoavelmente, e 7% não, conforme ilustram os Gráficos 6 e 7, respectivamente.

Gráfico 6 - Como avalia o trabalho dos professores durante a pandemia?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Gráfico 7 - Acredita que os professores demonstram o preparo necessário para enfrentar os desafios da educação a distância ocasionados pela pandemia?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Nesse contexto, temos as complexas questões pedagógicas relacionadas ao ensino não presencial, as condições sociais de pais e alunos e a saúde de toda a comunidade escolar. Os profissionais docentes se encontram sobrecarregados visto que não mais possuem um horário de expediente preestabelecido, sendo então condicionados a trabalhar aos finais de semana, feriados e até madrugadas.

Segundo Freire (2003, p. 47), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, logo, antes de qualquer tentativa de avaliação do trabalho docente, é importante que consideremos em que condições e

possibilidades esse trabalho tem ocorrido, afinal, teriam tido os professores as ferramentas e habilidades necessárias para uso e aplicação da tecnologia durante o regime de aulas *on-line*?

Sabemos que há tempos as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs vêm sendo exploradas e entrando em ascensão, antes mesmo da pandemia. Contudo, grande parte dos professores não possuem habilidades com as tecnologias digitais, o que certamente provocou impactos diretos na execução e aprimoramento do trabalho docente durante o período, segundo Oda,

Professores da rede pública não se sentem seguros para aplicar a tecnologia na sala de aula. Uma pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com 253 docentes de escolas estaduais paulistas mostra que 85% deles não sabem usar o computador e seus recursos como ferramenta pedagógica (ODA, 2011, n.p.).

Em grande medida, a insegurança demonstrada pela classe docente é oriunda dos baixos incentivos para formação e aprimoramento de professores, embora alguns deles possam ainda investir por conta própria no conhecimento e aplicação das novas tecnologias. Dificilmente em escolas públicas encontraram as condições e ferramentas necessárias para o uso cotidiano em sala de aula. Soma-se a isso as novas demandas produzidas em virtude da pandemia e o uso das tecnologias, que deixam de ser apenas auxiliadoras e tornam-se imprescindíveis para a realização das aulas, o que leva então à dilatação do trabalho e alcance da exaustão docente, conforme afirmam Zaidan e Galvão:

Professoras e professores experimentaram uma mudança brusca em suas rotinas, que se caracteriza pela penetração insidiosa do trabalho em todos os espaços e momentos de seu cotidiano, não importando que seus empregadores (o governo ou os donos de escola) não lhes tenham garantido estrutura para o teletrabalho (ZAI DAN; GALVÃO, 2020, p. 264).

A saúde mental dos professores foi diretamente afetada, tendo em vista a exploração e precariedade das condições de trabalho, o que configura um quadro preocupante, sobretudo quando os representantes governamentais não reconhecem essa realidade, a exemplo o líder do governo na Câmara dos Deputados, Ricardo Barros, que criticou a classe docente em uma entrevista à CNN Brasil, no dia 20 de abril de 2021, dizendo: “Não tem nenhuma razão para o professor não estar dando aula [...] É um absurdo a forma como estamos permitindo que professores causem tanto dano às nossas crianças na continuidade da sua formação” (BARROS, 2021, n.p.).

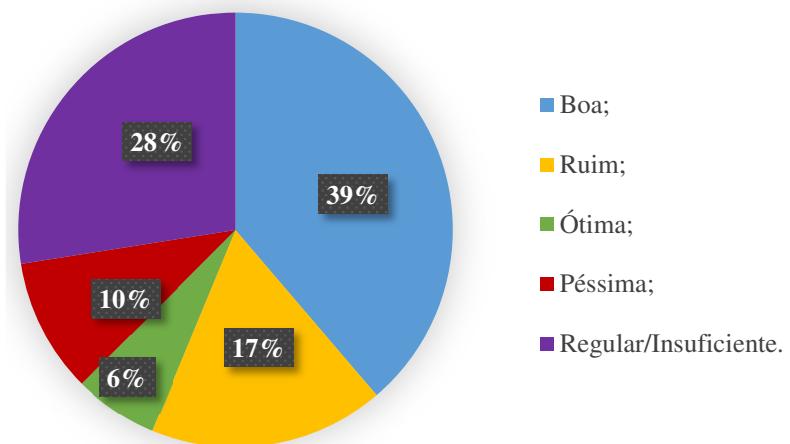
Dessa forma, o deputado atribui aos professores uma responsabilidade que não lhes cabe; a ausência de verdade impregnada em sua fala não apenas atinge os professores que, em sua maioria, desejariam voltar ao trabalho presencial desde que em condições saudáveis de atuação, como também nega às famílias brasileiras o acesso à verdade, visto que o atraso na aquisição das vacinas é o que, de fato, inviabilizou a reabertura das escolas e a retomada das atividades presenciais, como pondera a presidente do Centro dos professores do Estado do Rio Grande do Sul - CPERS-Sindicato, Helenir Aguiar Schürer:

Precisamos ter unidade e evidenciar para a sociedade que o governo está brincando com nossas vidas [...] se nós quisermos realmente negociar, a primeira coisa é que o governo suspenda as aulas presenciais. Antes do retorno é muito importante para nós a vacinação e a imunização dos professores e funcionários, testagem em massa para saber se tem alguém assintomático nas escolas. Ainda estamos vivendo um momento de alto contágio e somente após essas ações poderemos pensar no retorno (CPERS, 2021, n.p.).

Tendo em vista as medidas tomadas pelo governo em relação aos problemas de saúde e educação no período que compreende o início da pandemia até o momento de aplicação da pesquisa, e com o propósito de captar as percepções atribuídas pelos pais e/ou responsáveis,

realizamos a seguinte pergunta: como enxerga a postura do governo ante ao combate da Covid-19 e viabilização das aulas remotas?

Gráfico 8 - Como enxerga a postura do governo ante ao combate da Covid-19 e viabilização das aulas remotas?



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Conforme exposto no Gráfico 8, 39% dos pais e/ou responsáveis consideraram boa a gestão realizada pelo governo durante a pandemia, 6% ótima, 28% regular/insuficiente, 17% ruim, e 10% péssima. Ainda que a presente pesquisa ressalte em maioria a desaprovação de 55% dos respondentes em relação à gestão realizada pelo governo e que se restrinja a uma realidade microssocial, não é a única a apontar essa tendência, já que, segundo o instituto de pesquisas Datafolha (2021), ainda esse ano o nível de aprovação ao governo Jair Bolsonaro caiu de 30% em março para 24% em maio, índice mais baixo registrado desde o início do seu mandato.

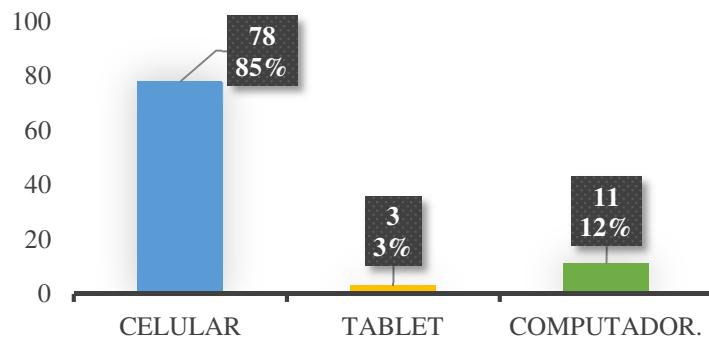
Diante de uma pandemia mundial que já ultrapassa o período de um ano, com um exorbitante número de óbitos e consequências diretas e indiretas, temos um governo que negligencia o contexto e pouco se importa em criar alternativas para ajudar aqueles que mais sofrem com a situação. Conforme dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) divulgados pela CNN Brasil (2021), o ano de 2020 reportou 194.949 óbitos em decorrência do vírus, enquanto o corrente ano, 2021, já registrou 195.848 óbitos, o que supera em menos de seis meses o primeiro ano de pandemia.

O governo atua com enorme atraso e lentidão na tomada de iniciativas para impulsionar a vacinação contra a Covid-19, garantir auxílio financeiro a todos que necessitam nesse momento, e se precaver com as demais consequências que o novo cenário vem apresentando. Enquanto isso, o presidente Jair Bolsonaro continua afirmando que fez o que pôde, e o Brasil se torna o país das Américas com maior número de mortes por habitantes em decorrência da Covid-19, conforme apontado pelo Our World in Data (2021), meio de publicação digital especializado em publicar pesquisas empíricas e dados analíticos sobre mudanças que alteram as condições de vida ao redor do mundo.

### O acesso e compartilhamento de recursos

Dispuestos a identificar os recursos disponíveis e as condições de acompanhamento e participação nas aulas, propomos aos pais e/ou responsáveis a possibilidade de selecionar entre as opções apresentadas os dispositivos dos quais dispunham as crianças para o acesso e acompanhamento remoto das aulas, assim como demonstrado no Gráfico 9. A maioria dos participantes marcaram o celular como sendo a principal ferramenta de acesso aos estudos, contabilizando um total de 85%, seguido do computador com 12% e, por fim, o tablet com 3%, sem que houvesse a escolha de outros mecanismos ou a seleção de mais de um.

Gráfico 9 - Quais dispositivos a(s) criança(s) que tem sob sua responsabilidade possuem para acesso às aulas remotas?

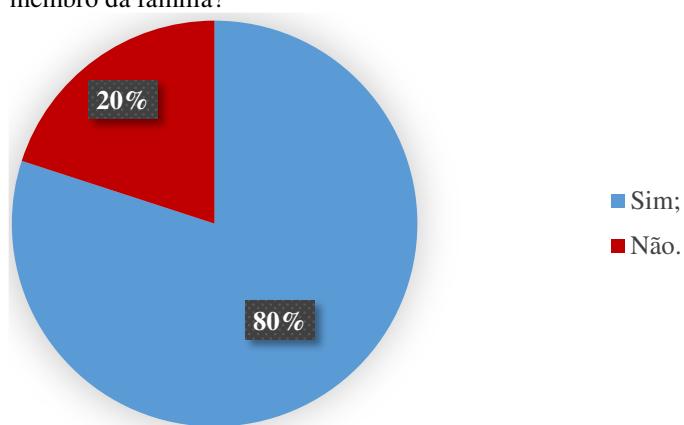


Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Se por um lado o que percebemos é a maneira como os dispositivos eletrônicos têm desempenhado papel crucial na manutenção do ensino remoto, sobretudo o celular em virtude da acessibilidade e do custo-benefício, por outro precisamos chamar atenção para os riscos atrelados à nova modalidade de ensino e ao uso exacerbado das tecnologias. Segundo informações disponibilizadas no portal da GlobalMed (2018), o uso excessivo do celular pode provocar malefícios como: problemas psicológicos, insônia ou distúrbios do sono, problemas estéticos, complicações oculares, problemas de postura, nemofoobia, popularmente conhecida e caracterizada como vício e medo de ficar sem o celular, além do risco relacionado a infecções que, em contextos de pandemia como o atual, requer maiores cuidados.

Considerando o aumento nos índices de contágio pelo coronavírus e a maneira como o compartilhamento de objetos podem estar associados ao ensino remoto, perguntamos aos pais e/ou responsáveis: o dispositivo utilizado pela(s) criança(s) para acompanhar as aulas é compartilhado por mais de um membro da família? Apenas 16 dos 80 participantes afirmaram que não, perfazendo um total de 20% dos respondentes; ademais, todos os outros, 80%, afirmaram que sim, como registra o Gráfico 10.

Gráfico 10 - O dispositivo utilizado pela(s) criança(s) para acompanhar as aulas é compartilhado por mais de um membro da família?



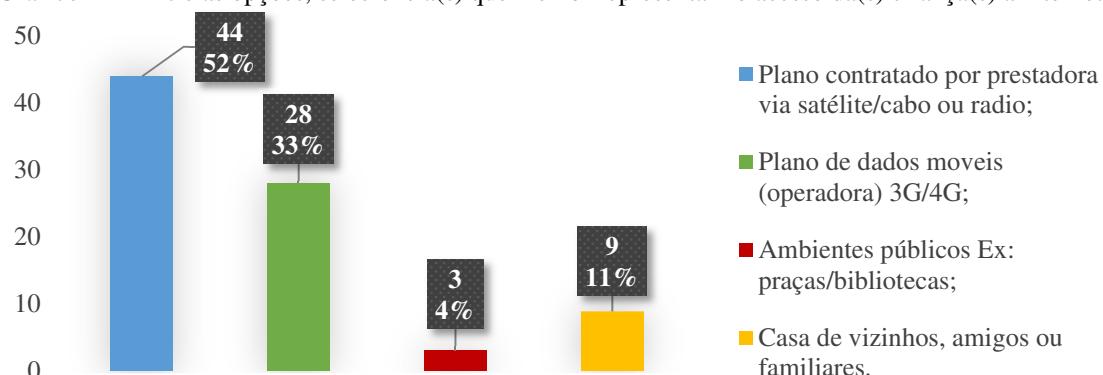
Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Um dos registros deixados na questão aberta para comentários da pesquisa parece descrever com exatidão o aspecto de risco envolto nesse processo, nas palavras da mãe: “Tenho apenas um celular e trabalho fora o dia todo, minha filha só consegue acompanhar as aulas à noite quando chego do trabalho, isso cansa e não tenho mais condições de ajudar ela” (Relato 10). Para além da angústia e do anseio materno expressos na fala, é preciso que consideremos também a possibilidade de contágio ao qual essa mãe está exposta e, diante da ausência de

outras opções, acaba por também expor a filha. Vale ainda lembrar que, quanto maior for a família e a frequência com que objetos são compartilhados entre os membros, maiores são as chances de contágio e transmissão do vírus.

Quando questionados sobre a forma com que as crianças tinham acesso à internet, 52% dos pais e/ou responsáveis marcaram a afirmativa referente a plano contratado por prestadora via satélite/cabo ou rádio; 33% marcaram plano de dados móveis (operadora) 3G/4G; 4% afirmaram que acessam à internet através de ambientes públicos como praças e bibliotecas; e os demais, 11%, na casa de vizinhos, amigos ou familiares. Nenhum dos participantes afirmou ter mais de um meio de acesso, conforme registrado no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Entre as opções, selecione a(s) que melhor representam o acesso da(s) criança(s) à internet.



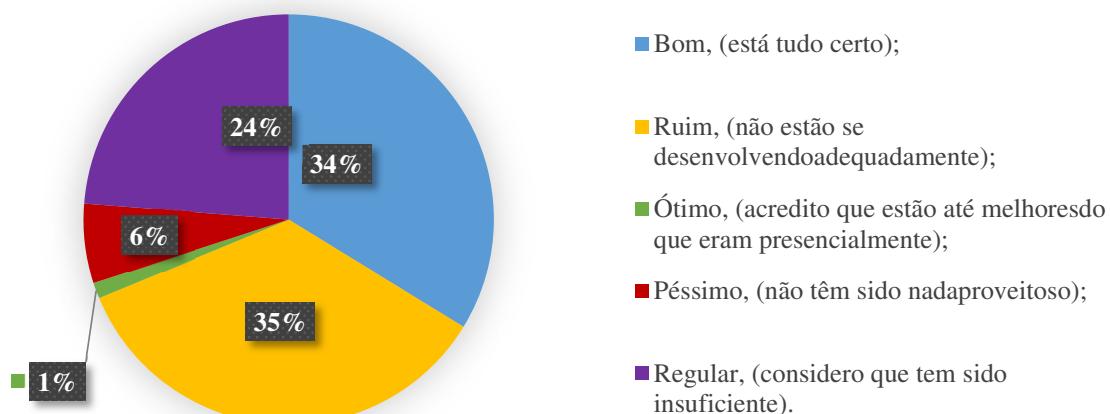
Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Embora 85% dos participantes aleguem condições de acesso à internet em residência, o que certamente colabora na proteção e combate ao coronavírus, devemos nos atentar aos demais 15%, os quais não apenas carecem de acesso próprio e residencial à internet, mas ainda precisam se expor e, consequentemente, expor outras pessoas a riscos, dado que a única forma de acesso existente está atrelada à frequência em ambientes públicos ou à visita a casas de familiares, amigos e vizinhos.

### Satisfação e perspectiva

Como proposta de encerramento da pesquisa e finalização da coleta de dados, a fim de registrar as conclusões finais atribuídas pelos pais e/ou responsáveis às experiências vividas durante a pandemia e aplicação do ensino remoto, a penúltima pergunta trazia como solicitação a possibilidade de os respondentes atribuírem uma avaliação ao desenvolvimento apresentado pelas crianças durante esse período, conforme demonstrado a seguir.

Gráfico 12 - Como enxerga o desenvolvimento apresentado pela(s) criança(s) ao longo da corrente pandemia?



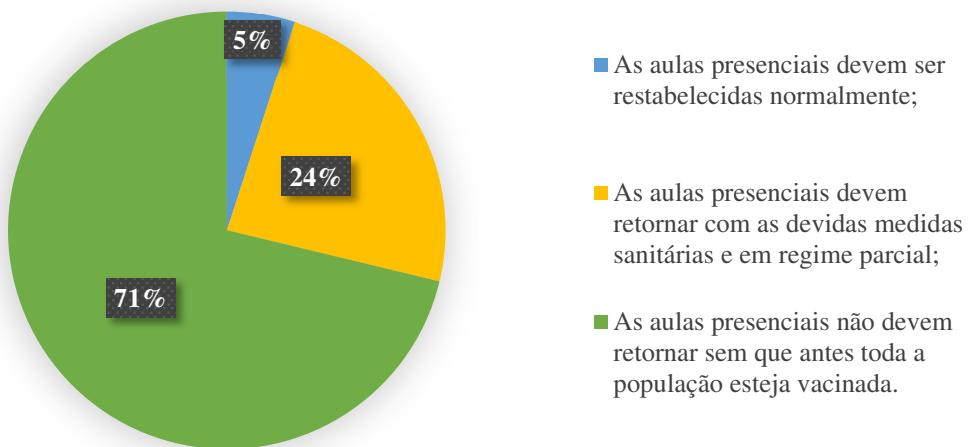
Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

De acordo com as avaliações atribuídas, apenas 1% dos participantes classificaram como ótimo o desenvolvimento apresentado pelas crianças durante a pandemia, 34% consideraram bom, 24% como regular ou insuficiente, e 6% como péssimo. Mais uma vez os comentários deixados ao final da pesquisa parecem intensificar ainda mais o nível de insatisfação apresentado pelos pais e/ou responsáveis, a exemplo: “Muito difícil pois [sic] maior parte do tempo a internet é ruim eu como mãe de aluno fico [sic] trabalho fora e o rendimento deles não é o mesmo que tivesse [sic] presencial espero que isso passa logo” (Relato 11); e “Considero que meus filhos tenham passado do 2º ano para o 4º ano porque ano passado considero que não estudaram” (Relato 12).

Infelizmente, a insatisfação demonstrada pela maior parte dos pais e/ou responsáveis que participaram da pesquisa aparenta ser bem mais que uma mera impressão, e configura-se como uma tendência a qual extrapola o limite de casos aqui apresentados, a exemplo, o estudo publicado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (2021) em que se estima que sejam precisos em média de 1 a 11 anos para que alunos matriculados na educação básica do estado possam recuperar-se do déficit adquirido durante a pandemia no ensino de português e matemática.

Por fim, solicitamos aos participantes que marcassem entre as opções apresentadas a que melhor representasse suas considerações com relação ao momento de aplicação da pesquisa e uma possível volta às aulas. Dessa forma, 71% dos respondentes afirmaram considerar que as aulas presenciais não devem retornar sem que antes toda a população esteja vacinada; 24% alegaram que as aulas presenciais deveriam retornar desde que tomadas as devidas medidas sanitárias e em regime parcial; e apenas 5% afirmaram que as aulas presenciais deveriam ser restabelecidas normalmente.

Gráfico 13 - Levando-se em consideração o cenário atual (abril de 2021), você considera que:



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Ainda nesse sentido, alguns participantes reforçaram seu ponto de vista ao final da pesquisa na questão aberta para comentários, segundo eles: “Não tem sido fácil, mas é necessário. As minhas filhas só voltam após a vacina” (Relato 13); e “Um desafio difícil e diário, mas que enfrento em nome da saúde de minha família” (Relato 14).

Esse medo do contágio, o qual pode também caracterizar certo nível de confusão e temor pelo julgamento social, demonstra-se comum entre os pais e/ou responsáveis que vêm passando por experiências semelhantes em regiões específicas do país onde as aulas presenciais gradualmente voltam a ser restabelecidas, a exemplo, Laisa Bosi, que em entrevista ao jornal Folha de São Paulo relata:

Primeiro, parte dos pais me disse que eu queria despachar minha filha, que eu não me importava com a saúde dos professores. Agora que não me sinto segura em mandá-la para a escola, dizem que eu não me preocupo com o aprendizado e a socialização (BOSI, 2021, n.p.).

Embora até o momento de realização da pesquisa não tenham sido divulgadas possíveis datas de retorno parcial ou integral das aulas presenciais para o município de Salinas-MG, tampouco para a Escola Estadual Professor Elídio Duque, certamente qualquer proposta futura de retomada das atividades escolares necessitará de muito diálogo, transparência e estímulo à segurança, tendo-se em vista o alto índice de reprovação apresentado pelos pais e/ou responsáveis à ideia de retomada as atividades presenciais sem que antes toda a população esteja vacinada.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho apresentou um conjunto de fatos, fatores e relatos que em consonância com conceitos e estudos relacionados evidenciam a importância da pesquisa enquanto termômetro e métrica de análise microssocial. A partir do estudo realizado foi possível identificar especificidades atreladas à identidade das famílias participantes e evidenciar dilemas os quais, sem a presente abordagem, talvez não fossem percebidos.

Foi possível constatar um alto índice de sobrecarga à figura materna quando tratamos da responsabilização pelo ensino, educação e acompanhamento do desenvolvimento infantil, a qual tende a ser intensificada por fatores aqui mencionados como a dupla jornada de trabalho, a ausência e/ou inconstância paterna, o desemprego, a desvalorização feminina no mercado de trabalho e o medo pelo contágio e transmissão do vírus (Covid-19).

A partir da análise realizada foi possível detectar índices consideráveis de insegurança referentes ao sentimento atribuído de aptidão para auxílio e acompanhamento das crianças e insatisfação pelo desenvolvimento infantil apresentado durante a pandemia, ambos relatados pelos pais e/ou responsáveis, o que, em comparação com estudos semelhantes, leva-nos a crer na proeminente necessidade de investimento futuro em estratégias de recuperação e aprimoramento do ensino.

Embora a aplicação da pesquisa tenha evidenciado índices positivos de satisfação familiar quando tratamos de aspectos como o preparo e trabalho dos professores e desempenho da escola na condução das aulas remotas e auxílio à comunidade escolar durante a pandemia, o mesmo não ocorre quando analisadas as avaliações atribuídas ao governo, visto que 55% dos participantes consideraram ruim, péssimo ou insuficiente o trabalho governamental realizado ante ao combate da Covid-19 e à viabilização das aulas remotas.

Além disso, foi-nos possível perceber que, apesar de pequeno, é considerável o número de famílias sem conexão própria à internet e que, para ter acesso às atividades e comunicados da escola, as crianças necessitam frequentar ambientes públicos ou a casa de amigos, familiares ou vizinhos, o que aumenta exponencialmente as chances de contaminação e transmissão pelo vírus, sobretudo quando 80% dos participantes alegam o compartilhamento do dispositivo utilizado pelas crianças para acesso à internet entre membros da família.

Para concluir, parafraseando Paulo Freire, “seria na verdade uma atitude ingênuo esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89). Esperamos de alguma forma ter aqui contribuído com o avanço da criticidade e do acesso à educação das classes menos favorecidas.

### **Referências**

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Pesquisa da ABED revela panorama das atividades remotas de 2020.** 12 out. 2020. Disponível em:

[http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/clipping\\_abed/1896/pesquisa\\_da\\_abed\\_revela\\_panorama\\_das\\_atividades\\_remotas\\_de\\_2020](http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/clipping_abed/1896/pesquisa_da_abed_revela_panorama_das_atividades_remotas_de_2020). Acesso em: 16 maio 2021.

**BARCELOS, Renato. Número de mortes por Covid-19 no Brasil em 2021 já supera todo ano de 2020.** São Paulo. 25 abr. 2021 Disponível em:  
<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/numero-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-em-2021-ja-supera-todo-ano-de-2020/>. Acesso em: 19 maio 2021.

**BARROS, Ricardo.** [Entrevista concedida a] Weslley Galzo. CNN Brasil. "Não há intenção do governo em furar teto de gastos", diz Ricardo Barros. São Paulo, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/04/20/nao-ha-intencao-do-governo-em-furar-teto-de-gastos-diz-ricardo-barros>. Acesso em: 19 maio 2021.

**BOSI, Laisa.** [Entrevista concedida a] Isabela Palhares. Folha de São Paulo. **Famílias são criticadas por decisão de mandar e não mandar filhos à escola.** São Paulo, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/04/decisoes-sobre-volta-as-aulas-geram-conflitos-entre-pais.shtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

**CPERS. Defesa da vida e luta para manter aulas remotas marcam Assembleia Geral da categoria.** 4 maio 2021. Disponível em: <https://cpers.com.br/defesa-da-vida-e-luta-para-manter-aulas-remotas-marcam-assembleia-geral-da-categoria/>. Acesso em: 19 maio 2021.

**DATAFOLHA, Instituto de Pesquisas. Aprovação a governo Bolsonaro cai de 30% para 24%.** São Paulo, 13 maio 2021. Disponível em:  
<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/05/1989297-aprovacao-a-governo-bolsonaro-cai-de-30-para-24.shtml>. Acesso em: 20 maio 2021.

**ESCOLAS EXPONENCIAIS. Diagnóstico Nacional da Educação:** uma análise do ensino remoto em 2020. 28 jul. 2020. Disponível em:  
<https://panorama.escolasexponenciais.com.br/diagnostico-nacional-da-educacao/>. Acesso em: 16 maio 2021.

**FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

**FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

**FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

**GLOBALMED. 6 Malefícios causados pelo uso excessivo do celular.** 22 jan. 2018. Disponível em: <https://www.globalmedclinica.com.br/uso-excessivo-celular/>. Acesso em: 21 maio 2021.

**IBGEEDUCA. Conheça o Brasil – População Educação.** 26 abr. 2019 Disponível em:  
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça no Brasil em 20 anos.** 12 mar. 2017. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_acymailing&ctrl=archive&task=view&listid=10-](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_acymailing&ctrl=archive&task=view&listid=10-). Acesso em: 17 maio 2021.

ODA, Felipe. **Professores são inseguros para usar tecnologia.** 11 abr. 2011. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,professores-sao-inseguros-para-usar-tecnologia,704780>. Acesso em: 18 maio 2021.

PARENTSTOGETHER. **ParentsTogether Survey Indicates Moms Are Carrying the Load of Distance Learning During Pandemic.** 6 maio 2020. Disponível em: <https://parentstogetheraction.org/2020/05/06/parentstogether-survey-indicates-moms-are-carrying-the-load-of-distance-learning-during-pandemic/>. Acesso em: 17 maio 2021.

PRADO, Danda. **O que é família?** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

RITCHIE, Hannah. et al. **Brazil: Coronavirus Pandemic Country Profile.** Our World in Data. 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil>. Acesso em: 21 mai. 2021;

SÃO PAULO. Secretaria de Educação. **O IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO Avaliação Amostral da Aprendizagem dos Estudantes.** 2021. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Estudo-Amostral.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021;

ZAIDAN, J. M.; GALVÃO, A. C. COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil.** São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.